

CONSTRUINDO O ARCO DE REDENÇÃO DE UM VILÃO¹

Louise Quenehen Marinho²

Joanise Levy³

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Resumo: Este trabalho apresenta parte da pesquisa ainda em desenvolvimento sobre a construção do arco dramático do vilão que se redime ao fim da narrativa, de maneira que sua trajetória seja justificada por sua redenção, a partir do estudo do personagem Zuko, antagonista da série animada de televisão Avatar: A lenda de Aang (Bryan Konietzko e Michael Dante DiMartino, 2005-2008).

34

Palavras-chave: Vilão; antagonismo; roteiro; arco de personagem; Zuko

Resumo expandido

Este trabalho apresenta parte da pesquisa de conclusão do curso, ora em andamento, realizada no âmbito da graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás. Propomos analisar a construção do arco de redenção de um vilão através de Zuko, antagonista da série animada de televisão Avatar: A lenda de Aang.

Criada por Bryan Konietzko e Michael Dante DiMartino, a série foi originalmente exibida entre os anos 2005 e 2008 no canal norte-americano Nickelodeon. Apresentou, ao longo de três temporadas, a transição de Zuko do papel de antagonista para aliado imprescindível do protagonista, Aang, na jornada para impedir a dominação da Nação do Fogo sobre outras nações do mundo ficcional.

Partimos da hipótese de que é possível estruturar o arco do antagonista/vilão para que se redima no fim, desde que o autor construa para a personagem um arco dramático coerente e se atente a certos elementos que contribuem para essa composição. A redenção do vilão representa, portanto, um desvio do desfecho frequentemente dado a tal personagem: sua derrota pelas mãos do herói.

O arco dramático da personagem é assunto discutido não somente no campo da literatura, mas também por autores que tratam sobre a elaboração de narrativas

¹ Trabalho apresentado à 11ª SAU UEG e 1º Encontro das Escolas de Cinema do Brasil Central.

² Graduanda do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: louquenehen@outlook.com

³ Doutora em Estudos Fílmicos e da Imagem pela Universidade de Coimbra, e doutora em Literatura pela Universidade de Brasília. Professora do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: jolevy.ueg@gmail.com



cinematográficas e televisivas. Dicas de construção desses arcos podem ser encontradas em *Manual do roteiro*, de Syd Field (2001), e *Story*, de Robert McKee (2006) — consagrados como leituras essenciais para todo roteirista. Entretanto, esses livros abordam a concepção do antagonista, principalmente o vilão, de modo superficial. Citam-no como sujeito que se opõe ao protagonista e serve como obstáculo em seu caminho, não como personagem com arco próprio.

Christopher Vogler, em seu livro *A jornada do escritor* (2006), discute o arquétipo da “Sombra”, que representa o lado obscuro de uma história — fraqueza, sentimentos negativos ou reprimidos, destruição, morte, etc. Por vezes, esse lado obscuro se materializa na figura do antagonista, criado em função do herói e simbolizando sua outra face, seus temores e/ou defeitos.

O antagonista pode não ser, contudo, somente uma personagem, mas uma instituição ou grupo de pessoas. Não é em todo caso que o antagonista corresponde ao vilão de uma história. Segundo Robert McKee,

‘Forças do antagonismo’ não se referem necessariamente a um antagonista ou vilão específico. Em gêneros apropriados, arquivilões, como o *Exterminador do Futuro*, são ótimos, mas por ‘forças do antagonismo’ queremos dizer a soma total das forças que se opõe ao desejo e à necessidade da personagem. (MCKEE, 2006, p. 301)

O vilão, por sua vez, se caracteriza como a personificação, sobretudo, do mal. Comete atos repugnantes, criminosos e imorais para realizar seus planos. A pesquisa em andamento, entretanto, trará tais termos como equivalentes, pois é comum que o antagonista se encaixe nessa definição. Pensando nisso, é possível guiá-lo para a sua redenção na composição de seu arco dramático. Personagens comumente passam por algum tipo de transformação ao longo da narrativa, de acordo com as circunstâncias em que se encontram, e isso não exclui o antagonista — que pode se arrepender de seus atos e desejar se retratar, se assim o roteirista decidir.

Podemos observar uma crescente e curiosa tendência de parte do público a simpatizar com vilões. Isso leva à igualmente crescente produção de obras audiovisuais que dão destaque a essas personagens e buscam torná-las palatáveis ao ressaltar aspectos



“redimíveis” de seu caráter, indicando uma aquiescência posterior à causa do herói. A pesquisa se desenvolverá, portanto, em torno do estudo do arco dramático do vilão que se redime ao fim da narrativa, de modo que sua trajetória seja justificada por sua redenção.

Referências Bibliográficas

AVATAR: A lenda de Aang. Produção: Michael Dante DiMartino, Bryan Konietzko, Aaron Ehasz. Nickelodeon: Nickelodeon Animation Studios, 2005-2008. 1 DVD.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix; Pensamento, 1997.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MCKEE, Robert. **Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiros**. Curitiba: Arte & Letra, 2006.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. 2º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.